



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após encontro com o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, no Palácio Laranjeiras

Rio de Janeiro-RJ, 25 de janeiro de 2008

Jornalista: Por favor, Presidente, o senhor pode falar do aniversário surpresa, essa festa, como é que foi?

Presidente: Olha, primeiro foi uma alegria que Marisa e eu viemos, a convite da Adriana, fazer uma surpresa para o Sérgio Cabral. Nós conseguimos sair do evento do Holocausto, me despedi do Sérgio lá e ele pensou que eu ia embora para o aeroporto. Eu disse que tinha uma conversa com o governador Jaques Wagner, e quando ele chegou aqui, eu já estava aqui primeiro que ele.

Então, foi importante. A minha relação com o Sérgio, todo mundo sabe, é uma relação extremamente produtiva, vigorosa. Eu estou convencido de que o Sérgio pode passar para a história como o grande governador do estado do Rio de Janeiro. Nós estabelecemos uma relação que permite que a gente possa, com muita clareza e muita verdade, dizer que juntos nós vamos recuperar o Rio de Janeiro dos anos que o Rio ficou esquecido, dos anos que a favela só piorava a qualidade de vida do povo. E quando ele completa 45 anos, eu fico pensando: “puxa vida, ele tem a vida inteira pela frente e eu já estou na contagem regressiva, aos 62 anos de idade”.

Eu quero agradecer à Adriana pelo convite para participar desta pequena comemoração do aniversário do Sérgio Cabral. E quero dizer para vocês que eu estou convencido, acredito piamente que o Rio de Janeiro, nesses próximos anos, vai recuperar o prestígio que já teve, aqui dentro do Rio e no mundo, porque nós (inaudível).



Jornalista: Presidente, por favor, depois do jantar de ontem com o presidente da Vale, o senhor definiu alguma coisa em relação a Xstrata?

Jornalista: Ele vai apoiar a compra, Presidente?

Jornalista: Apoiar, ou ainda vai...

Presidente: Deixem-me contar com sinceridade para vocês, gente. Eu fui para um jantar ontem e não fui falar de negócios. Se o Roger quiser falar de negócios comigo, ele marca uma entrevista no meu gabinete e nós conversamos de negócios. Eu jamais confundiria um jantar com uma reunião de negócios. Não discuti com o Roger. Na hora que ele sentir necessidade de conversar comigo, ele conversa.

Com relação à questão do Exército: primeiro, o Governador não falou comigo sobre o Exército. O que nós precisamos, e eu disse ontem para vocês, é o seguinte: tudo aquilo que o Governador entender que seja necessário, a contribuição do governo federal para que a gente faça as obras no Complexo do Alemão e no Complexo de Mangueiras, o governo federal irá fazer. O principal já está acordado, que é o dinheiro para fazer. As condições vão depender apenas do Governador. Ele que diga o que precisa, que nós estaremos...

Sinceramente, eu acho que não vai precisar de Exército, nem de polícia, porque o povo do Complexo do Alemão sabe que o que nós nos propusemos a fazer lá, melhorado pelo projeto apresentado pelo Sérgio Cabral, vai melhorar a vida daquele povo. O povo vai viver dignamente e decentemente. Eu acho que se tiver algum bandido no Complexo do Alemão, ele vai compreender que ele é *persona non grata* e vai querer que o povo viva tranquilo.

Jornalista: (inaudível)



Governador: Concordo, e acho que o Presidente entendeu o significado do PAC das favelas, pela sua sensibilidade, pela sua própria trajetória de vida. E o PAC das favelas tem três marcas importantes: a marca da urbanização nessas comunidades, que vivem hoje à margem da cidade legal. A segunda marca, dos equipamentos públicos: serão levadas para essas comunidades escolas, bibliotecas, clínicas médicas. Para você ter uma idéia, o Alemão tem 120 mil habitantes e tem menos de três escolas, quatro escolas, enquanto o município do meu Vice-Governador, Piraí, que tem 23 mil habitantes, tem 23 escolas.

Então nós estamos levando equipamentos públicos, estamos levando urbanização e claro que segurança faz parte desse processo de marco civilizatório. Mas não nesse sentido de guerra, no sentido de levar a essas comunidades a civilidade, que foi a sensibilidade do Presidente em compreender a nossa proposta.

Jornalista: Não preocupa o governo o fato de uma operação que está sendo desenhada, essa operação da Xstrata, uma parte significativa do capital da Vale ficar nas mãos de estrangeiros, sendo considerada uma empresa estratégica?

Presidente: Sabe qual é a vantagem de eu ter perdido três eleições? É que eu aprendi que quando um jornalista é inteligente, ele persiste na pergunta. Bom, eu não posso discutir a compra ou a venda da Vale do Rio Doce antes de discutir com a Vale do Rio Doce. Por enquanto, a Vale do Rio Doce não procurou o governo. Na hora em que procurar e tiver uma proposta concreta, podem ficar certos de que a minha opinião será publicizada.

Jornalista: (inaudível) o ministro Nelson Jobim a respeito da privatização do Galeão?



Presidente: Primeiro, veja, não discutimos a privatização. O que nós queremos é melhorar as condições dos aeroportos brasileiros e queremos fazer com que o Galeão recupere o potencial para o qual ele foi criado. É importante que muitos aviões estrangeiros pousem aqui no Rio de Janeiro, porque o Rio de Janeiro é um estado que é a cara do Brasil e, sobretudo, a cidade do Rio é a cara do Brasil no mundo. Agora, nós não discutimos a privatização. O que nós queremos é melhorar o aeroporto, torná-lo classe “A”, um aeroporto que possa ser admirado pelos passageiros que chegarem ou que daqui partirem.

Jornalista: E o Carnaval, Presidente, aqui, no Rio de Janeiro?

Presidente: Eu estou pensando. Qual é o problema? O problema é que eu sou Beija-Flor e o meu Governador é Mangueira, e elas estão em dias diferentes. Então, eu vou pensar qual é o dia que venho aqui. Políticos, normalmente, não dizem para que escola de samba torcem, para que clube torcem. Eu digo: sou vascaíno, no Rio; Corinthians, em São Paulo; Beija-Flor, no Rio de Janeiro, apesar de eu gostar de todas. Então, eu quero ver se no dia 31 eu saio para descansar um pouco. Eu não saí no começo do ano porque o meu companheiro José Alencar estava fazendo exames. Ele está mais tranqüilo agora, eu quero ver se eu saio no Carnaval. Se o tempo estiver bom e ajudar, eu aproveito e fico a semana inteira. Se não estiver bom, eu fico os quatro dias de Carnaval e depois eu volto a trabalhar. E se o tempo estiver bom e permitir, eu posso vir ao Rio de Janeiro, ou no domingo ou na segunda-feira.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: É. Não sei qual é o dia.



Jornalista: Presidente, o senhor aprovou (inaudível)

Presidente: Não. Veja, por enquanto, o que estou lendo é o que vocês escreveram até agora, porque nem o nome chegou para mim. Quando o nome chegar à Presidência, a Casa Civil tem um sistema de investigação na Abin, na Polícia Federal, para saber se a pessoa tem condições de assumir um posto importante no governo. Tampouco o Ministro falou comigo. Eu, por enquanto, estou sabendo das coisas por vocês, porque até agora não recebi nenhuma proposta. Gente, bom final de semana para vocês e até o Carnaval, se Deus quiser.

(\$31EGJLP)